



foto: João Roberto Bassul

MUSEUS DE MEMÓRIA COMO ESPAÇOS DE REPRESENTATIVIDADE NA AMÉRICA LATINA

MEMORY MUSEUMS AS REPRESENTATIVE PLACES IN LATIN AMERICA

MUSEOS DE MEMORIA COM ESPACIOS DE REPRESENTACIÓN EN AMÉRICA LATINA

EIXO TEMÁTICO: PROJETO, POLÍTICAS E PRÁTICAS

CARVALHO, Bruno
Mestrando; FAU USP
brunocarvalho@usp.br

RESUMO

Lugares de memória existem no sentido material, simbólico e funcional. Se diferenciam dos lugares de história pela vontade de memória. Seu principal objetivo é parar o tempo, bloquear o esquecimento, sendo uma construção vivida no presente.

O artigo analisa a experiência espacial no *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* em Santiago, Chile, projeto Estúdio América, inaugurado em 2010; no *Lugar de la Memoria, la Tolerância y la Inclusión Social* em Lima, Peru, projeto Barclay & Crousse, inaugurado em 2015; e no *Centro de Memoria, Paz y Reconciliación* em Bogotá, Colômbia, projeto Juan Pablo Ortiz, inaugurado em 2012. Identifica-se nos museus de memória da América Latina, equipamentos urbanos que abordam momentos de violência e violação dos direitos humanos ocorridos no século XX, criados a partir da organização do estado, participação da população, entidades representantes das vítimas e realização de concursos internacionais para construção dos edifícios. Propõe uma ampla reparação às vítimas, superação dos fatos ocorridos e inclusão social. Apresentam relatos de diferentes grupos sociais e a formação da narrativa a partir da memória coletiva. Abordam a memória do lugar, revalorizando, reorganizando e reconectando o tecido urbano junto aos edifícios, levando em consideração os aspectos territoriais, urbanos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Museus de memória. Equipamentos urbanos. Estratégias de projeto. Representatividade. América Latina.

ABSTRACT

Memory places exist in the material, symbolic and functional sense. They differ from places of history by the desire for memory. Its main objective is to stop time, block forgetfulness, being a construction lived in the present.

The article analyzes the spatial experience at the *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* in Santiago, Chile, Estudio América project, opened in 2010; at *Lugar de la Memoria, la Tolerância y la Inclusión Social* in Lima, Peru, Barclay & Crousse project, opened in 2015; and at the *Centro de Memoria, Paz y Reconciliación* in Bogotá, Colombia, Juan Pablo Ortiz project, opened in 2012. In Latin America's memory museums, urban facilities that address moments of violence and human rights violations in the 20th century are identified, created from the organization of the state, participation of the population, entities representing the victims and international competitions for the construction of buildings. It proposes ample reparation to victims, overcoming events and social inclusion. They present reports from different social groups and the formation of the narrative from the collective memory. They approach the memory of the place, revaluing, reorganizing and reconnecting the urban fabric next to the buildings, taking into account the territorial, urban and cultural aspects.

KEYWORDS: Memory museums. Urban equipment. Project strategies. Representativeness. Latin America.

RESUMEN

Existen lugares de memoria en el sentido material, simbólico y funcional. Se diferencian de los lugares de la historia por el deseo de memoria. Su objetivo principal es detener el tiempo, bloquear el olvido, ser una construcción vivida en el presente.

El artículo analiza la experiencia espacial en el Museo de la Memoria y los Derechos Humanos en Santiago, Chile, proyecto Estudio América, inaugurado en 2010; en Lugar de la Memoria, la Tolerância y la Inclusión Social en Lima, Perú, proyecto Barclay & Crousse, inaugurado en 2015; y en el Centro de Memoria, Paz y Reconciliación en Bogotá, Colombia, proyecto Juan Pablo Ortiz, inaugurado en 2012. En los museos de memoria de América Latina, se identifican instalaciones urbanas que abordan momentos de violencia y violaciones de los derechos humanos en el siglo XX, creado a partir de la organización del estado, participación de la población, entidades representativas de las víctimas y concursos internacionales para la construcción de edificios. Propone una amplia reparación a las víctimas, superando eventos e inclusión social. Presentan informes de diferentes grupos sociales y la formación de la narrativa desde la memoria colectiva. Se acercan a la memoria del lugar, revalorizando, reorganizando y volviendo a conectar el tejido urbano junto a los edificios, teniendo en cuenta los aspectos territoriales, urbanos y culturales.

PALABRAS-CLAVE: Museos de la memoria. Equipamientos urbanos. Estrategias de proyecto. Representatividad. América Latina.

INTRODUÇÃO

Em muitas cidades contemporâneas, o desenvolvimento e o crescimento urbano estão relacionados à capacidade de atrair investimentos e tornar as cidades competitivas, cabendo ao poder público o investimento em infraestruturas, subsídios e o alívio regulatório para os grandes investidores (FAISTEIN,2011). Este modelo de desenvolvimento pode ser visto como uma privatização da gestão urbana, trazendo como consequência a exclusão das minorias e pessoas de baixa renda em detrimento aos interesses de empresas privadas. Em oposição, pode também ser visto como uma oportunidade de transformar áreas da cidade onde os recursos públicos são limitados, ou a possibilidade de incorporar medidas que minimizem os efeitos econômicos e sociais gerados (JAJAMOVICH, 2019).

A construção de memoriais, a proteção dos espaços como lugares de memória, o estabelecimento de datas comemorativas, a criação de museus com temas que busquem prevenir a repetição de atos de violação dos direitos humanos, são algumas das iniciativas de ressignificação das áreas urbanas, tornando os espaços públicos mais representativos a diferentes grupos sociais com o objetivo de proporcionar cidades mais justas (FAISTEIN,2011). Essas ações são relevantes não somente às vítimas diretamente atingidas, como também a toda sociedade (SOARES; QUINALHA,2011). A natureza traumática dos conflitos apresentados, possuem um alto potencial de desagregação social e colocam o desafio de representar o irrepresentável. Podem ser entendidos através da memória da dor como bem da cultura imaterial.

Através da experiência espacial no *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* em Santiago no Chile, no *Lugar de la Memoria, la Tolerância y la Inclusión Social* em Lima no Peru, e no *Centro de Memoria, Paz y Reconciliación* em Bogotá na Colômbia, o artigo reflete sobre como os museus de memória podem resgatar as identidades locais a partir da construção da memória coletiva sobre fatos de violência, resultando em espaços de uso público, acessíveis às diferentes camadas da população, em contraponto às cidades genéricas, especulativas e excludentes.

MUSEUS DO SÉCULO XIX

O conceito de patrimônio público surge no final do século XVIII a partir da Revolução Francesa e cria as condições para o rompimento da visão tradicional do programa museológico que estava associado a coleções privadas localizadas em palácios e casas de estudiosos, com acesso restrito ao grande público, formadas pela preferência dos seus proprietário ou requisitos científicos das disciplinas que os mantinham, e promove a formação de coleções públicas em espaços com acesso a toda população (FOUCAULT,1986; HOOPER-GREENHILL,1992).

O surgimento do museu público durante o século XIX divide o espaço em privado, onde o curador como especialista produz as exposições, catálogos, e o espaço público, onde o visitante consome o que é produzido. Nas Repúblicas europeias recém formadas, os espaços e os objetos pertencentes aos reis, à aristocracia e à igreja foram apropriados, transferidos, agrupados e redistribuídos em espaços públicos, contando novas histórias, podendo ser utilizados como denuncia das antigas formas de controle das elites, enaltecendo a democracia e as novas repúblicas (HOOPER-GREENHILL, 1992).

A concepção moderna de museu se consolida com a criação de importantes instituições museológicas na Europa como o Museu Real dos Países Baixos (1808) em Amsterdã, o Museu do Prado (1819) em Madri, o Altes Museum (1810) em Berlim, o Museu Hermitage (1852) em São Petersburgo (SUANO,1986). Tinham como objetivo pedagógico a formação através do conhecimento do passado para a consolidação dos estados nacionais. Dois modelos de museu são reconhecidos no período: aqueles relacionados a história e a cultura nacional, de caráter celebrativo como o Louvre (1793) em Paris, e aqueles relacionados a movimentos científicos voltados a pré-história, arqueologia, etnologia, como o Museu Britânico (1759) em Londres (JULIÃO, 2006).

Encontram como tipologia arquitetônica os palácios, muitos deles transformados em museus, estruturados pela sucessão de grandes salas interligadas que poderiam abrigar todo tipo de objeto, a segurança com que esses edifícios apresentavam garantia o controle do que seria exposto e a imagem de edifício importante, já consolidada no imaginário a população, responderia aos anseios de representar o quanto as riquezas dos países estavam acessíveis a população (KIEFER,2001).

MUSEUS DE MEMÓRIA

A política dos memoriais se consolida de forma global na década de 1990 a partir da queda do Muro de Berlim e os discursos sobre o Holocausto, os cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, das ditaduras militares na América Latina e o do apartheid na África do Sul (HUYSEN, 2014). Em oposição aos museus do século XIX que traziam objetos de grande valor material exibidos segundo critérios de curadores e autoridades, os museus de memória tornam públicas ações de violência e desrespeito aos direitos humanos. Sua função principal é educar através de práticas participativas e ações que promovam a justiça social (FRANCK,2016).

Os lugares de memória surgem do sentimento de não haver memória espontânea, sendo preciso criar arquivos, datas comemorativas, celebrações, que defendam uma maior diversidade e representatividade as minorias, que de forma natural a história as esqueceria (LE GOFF,1990). São espaços que existem no sentido material, simbólico e funcional. Se diferenciam dos lugares de história pela vontade de memória. Seu principal objetivo é parar o tempo, bloquear o esquecimento, sendo um fenômeno atual, uma construção vivida no presente, enquanto a história representa o passado (NORA,1981). Sua relação com as cidades vem reforçar sua dimensão coletiva, propiciando urbanidade e representabilidade, se tornando um dos lugares públicos mais característicos das cidades contemporâneas (MONTANER,2003).

Segundo a Coalizão Internacional de Lugares de Consciência, museus e espaços dedicados ao reconhecimento da violação dos direitos humanos vem sendo desenvolvidos em diferentes regiões do mundo. Na África, o Memorial do Genocídio de Kigali (1999) em Ruanda e o Museu do Apartheid (2001) na África do Sul. Na Ásia, o Museu do Genocídio de Toul Steng (1980) no Camboja e o Memorial do Massacre de Nankin (1985) na China. Na Europa, o Museu Judaico de Berlim (2001) na Alemanha e o Museu de Auschwitz-Birkenau (1947) na Polônia. Os principais temas retratados são: colonialismo, escravidão, genocídios, questões étnico-religiosas, liberdade de expressão, feminismo, holocausto, imigração e direitos civis.

A partir da leitura sobre a base de dados da *Red de Sitios de Memoria Latinoamericanos y Caribeños* (RESLAC), foram levantadas quarenta e uma instituições de memória, tolerância e

reconciliação na América Latina. Os principais temas retratados são: ditaduras, terrorismo de estado, guerrilhas paramilitares e violência urbana com museus no México, Colômbia, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Suas sedes foram agrupadas segundo três categorias: quando ocupam locais improvisados ou em estruturação; quando ocupam lugares onde os fatos ocorreram, restaurados e reorganizados para receberem espaços expositivos; e quando ocupam espaços novos, projetados para serem museus de memória. Dentro da última categoria, foram destacados os espaços apresentados na Figura 1: 1- *Museo Memória y Tolerância* na Cidade do México, inaugurado em 2010, para retratar os crimes contra a humanidade; 2- *Museo Casa de la Memória* em Medellín, Colômbia, inaugurado em 2015, para retratar a violência urbana da cidade; 3- *Centro de Memória, Paz y Reconciliación* em Bogotá, Colômbia, inaugurado em 2012, para retratar o conflito armado no país; 4- *Lugar de la Memória, Tolerância y la Inclusión Social* em Lima, Peru, inaugurado em 2015, para retratar o conflito armado no país; 5- *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* em Santiago, Chile, inaugurado em 2010, para retratar o terrorismo de estado no país; 6- *Parque de la Memoria* em Buenos Aires, Argentina, inaugurado em 1998, para retratar o terrorismo de estado no país.

O recorte latino-americano sugere o caminho da educação, fruto da organização do estado, da participação da população e entidades representantes das vítimas através de reuniões e audiências para a elaboração de um programa participativo que represente amplamente os fatos ocorridos apontando seus diferentes pontos de vista, lembranças, relatos para formação de uma história coletiva. Os temas da reparação às vítimas, superação dos fatos ocorridos e inclusão social são fundamentais e caracterizam os museus. Os projetos dos edifícios, resultado de concursos internacionais, partem da premissa de que a memória na arquitetura é a memória do lugar, portanto revalorizar, reorganizar e reconectar o tecido urbano junto aos museus, levando em consideração os aspectos territoriais, urbanos e culturais. Buscam responder aos interesses das comunidades, gerando um processo de conscientização e apropriação de suas histórias particulares. Suas ações estão relacionadas ao território, ao patrimônio e a comunidade, superando a concepção tradicional baseada em um edifício, um público e uma coleção (MORA, 2013).

O termo “museu” vem sendo substituído por outros mais neutros como “centro”, “lugar”, “parque”, talvez busquem se dissociar da ideia de espaços para coleção de artefatos, e sim pelo trabalho ativo de construção da memória coletiva. A palavra “memória” aparece em muitos museus localizados na América Latina, todos aqueles destacados na pesquisa, o que não ocorre em outras partes do mundo, o que sugere a memória como demanda dos direitos humanos, ou o processo participativo das organizações das vítimas na constituição dos museus, ou a importância dada aos relatos das vítimas, que podem ser muitas vezes, contraditório a narrativa histórica oficial (FRANCK, 2016).

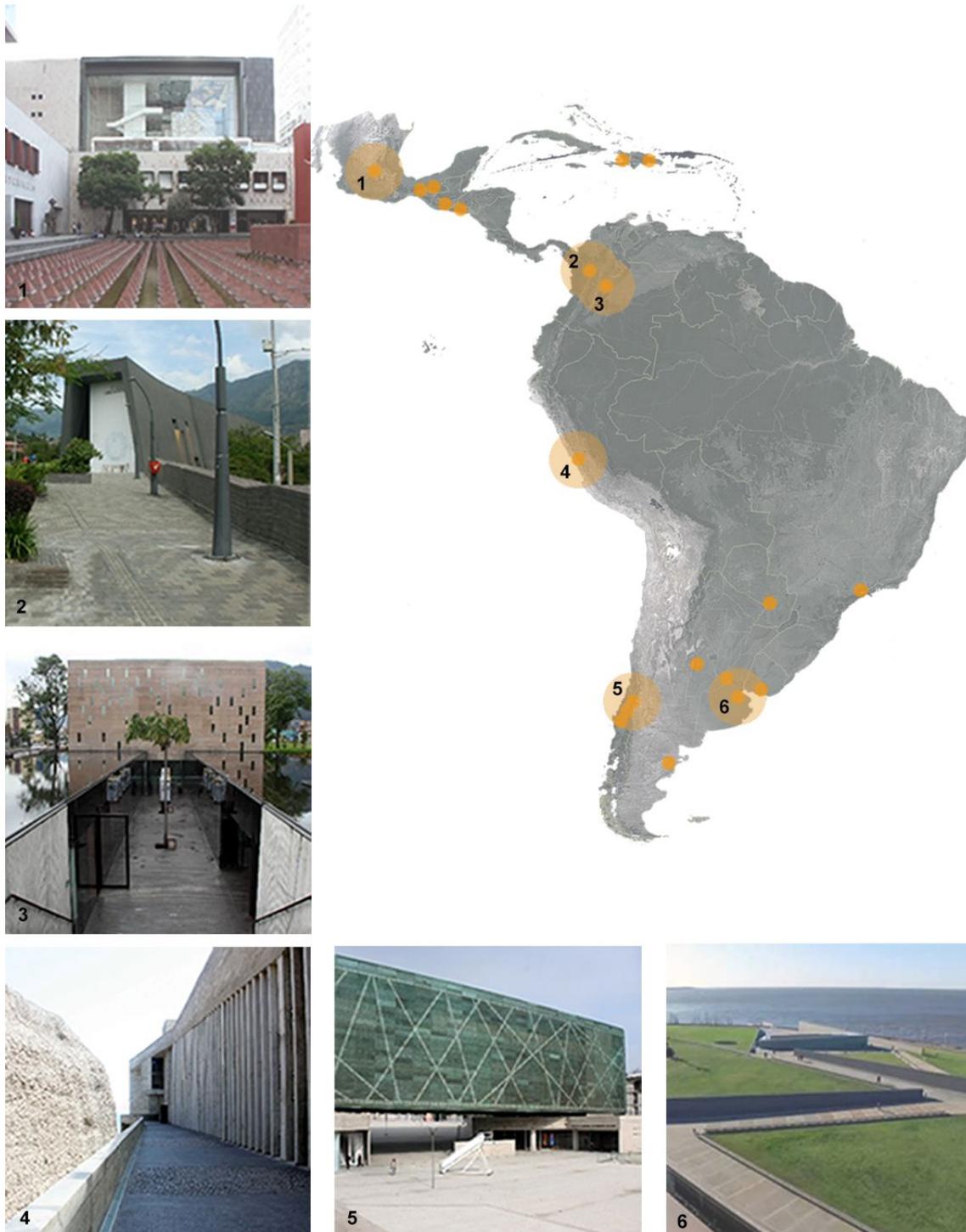


Figura 1: Museus de memória na América Latina. Fonte: Acervo pessoal do autor do texto

1-Museo Memória y Tolerância na Cidade do México. 2- Museo Casa de la Memória em Medellín, Colômbia. 3- Centro de Memória, Paz y Reconciliación em Bogotá, Colômbia. 4- Lugar de la Memória, Tolerância y la Inclusión Social em Lima, Perú. 5- Museo de la Memoria y los Derechos Humanos em Santiago, Chile. 6- *Parque de la Memoria* em Buenos Aires, Argentina.

MUSEO DE LA MEMÓRIA Y LOS DERECHOS HUMANOS

O *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* localizado em Santiago no Chile, projeto dos arquitetos brasileiros do escritório Estúdio América (Mario Figueroa, Lucas Fehr e Carlos Dias), foi inaugurado em 2010 como parte das comemorações do bicentenário da independência do Chile. O local tem como tema o fim do estado de direito no país, a ocupação militar e o fechamento do congresso nacional. Encabeçada pelo general Augusto Pinochet, a ditadura militar deixou mais de quarenta mil pessoas vítimas de tortura, desaparecimentos e execuções entre os anos de 1973 a 1990, segundo a Comissão da Verdade e Reconciliação, causando marcas profundas na sociedade chilena.

A narrativa apresentada no museu parte de fatos históricos, imagens, relatos das vítimas e de seus familiares. Apresenta diversas versões, afim de montar a partir de fragmentos, uma memória coletiva (VV.AA., 2008). Os relatos buscam a diversidade de pontos de vista, maior representatividade, além daqueles existentes nos documentos oficiais.

O museu está localizado no bairro Yungay, região oeste do centro de Santiago. Inserido no eixo de expansão cultural da cidade, abriga museus e centros culturais. O terreno escolhido para a construção do Complexo Matucana, abrigaria uma estação intermodal realocada com a decisão do prolongamento da linha do metrô, deixando escavações no solo entre 6 e 12 metros de profundidade (VV.AA., 2008).

O projeto entende o traçado histórico da cidade onde o espaço público é aquele não construído. O museu é uma *manzana* aberta (FIGUEROA; FEHR; DIAS, 2007) com duas praças interligadas e abertas à cidade, com entradas em vários pontos. Os pedestres podem percorrer o interior do quarteirão como acesso à cidade. O respeito ao gabarito de altura das edificações existentes promove a integração com a Escola Salvador Sanfuentes e o prolongamento do Parque Quinta Normal. A caracterização do Chile como um país entre o Oceano Pacífico e a Cordilheira dos Andes e a extração do cobre como principal material de exportação do país, servem de estratégias simbólicas para a identidade, ocupação do terreno e escolha dos materiais utilizados.

A estratégia de ocupação do museu toma partido de uma situação escavada do terreno previamente existente, criando uma praça semienterrada acessada por rampas e escadas, um volume suspenso de vinte metros de largura por oitenta metros de comprimento, dividido em três pavimentos, cruzando o terreno transversalmente no sentido Leste-Oeste. Sobre quatro pilares e espelhos d'água, este volume suspenso revestido por chapas de cobre translúcidas, filtram a luz que incide sobre o edifício. Nos dias onde os raios solares são mais intensos, as áreas expositivas são iluminadas de forma diferente conforme a hora do dia. O museu possui fachadas envidraçadas e paredes internas também em vidro, com diferentes tratamentos para o controle da luz natural conforme a necessidade dos ambientes. A estratégia do uso de materiais como o vidro, chapas de cobre perfurada e espelhos d'água, reforçam a idéia de reflexão. Em alguns momentos, a imagem da cidade vista pelas aberturas se confunde com as imagens expostas. À noite, o efeito se inverte e a cidade observa o interior do museu.

Chegando pela estação Quinta Normal do metrô, do outro lado da Avenida Matucana, está o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* (Figura 2 - foto 1). Uma praça em rampa nos leva para o subsolo onde está a entrada do museu (foto 2). O barulho da cidade vai ficando para trás conforme vamos descendo. O simbolismo de uma praça toda em concreto, com os nomes das vítimas e os trinta artigos da declaração universal dos direitos humanos escrito nas paredes, nos prepara para o tema retratado no interior do edifício. Um volume revestido de cobre com tons

esverdeados que parece flutuar sobre a praça (fotos 3 e 4), ocupando grande parcela do quarteirão, permite a passagem de pedestres. Rampas e escadas funcionam como bancos ou mesmo arquibancadas para shows e apresentações (foto 5).

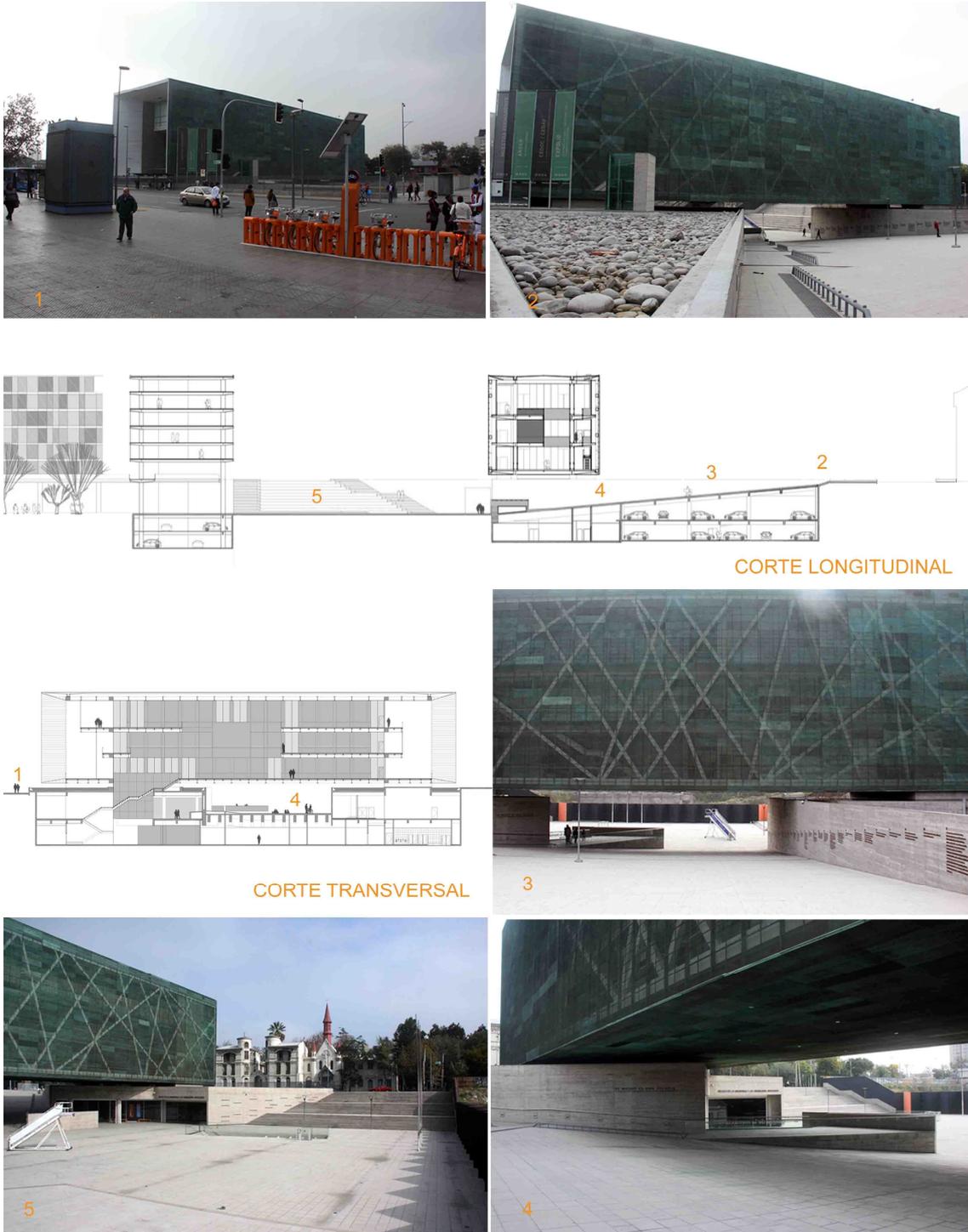


Figura 2: Percursos pelo Museo de la Memoria y los Derechos Humanos.
Fonte: Fotos acervo pessoal do autor do texto. Cortes <figuroa.arq.br>

LUGAR DE LA MEMÓRIA, LA TOLERÂNCIA Y LA INCLUSIÓN SOCIAL

O *Lugar de la Memoria, la Tolerância y la Inclusión Social*, em Lima no Peru, projeto dos arquitetos peruanos do escritório Barclay & Crousse (Sandra Barclay e Jean Pierre Crousse). Inaugurado em 2015, retrata o conflito armado no Peru onde os grupos Sendero Luminoso e Movimento Revolucionário Túpac Amaru (MRTA), enfrentaram o estado peruano e, segundo a Comissão da Verdade e Reconciliação, foram mortas setenta mil pessoas entre 1980 e 2000. As principais vítimas foram os agricultores e indígenas, em sua maioria nas zonas rurais, expondo o racismo, marginalização social e econômica desses povos (QUIJANO, 2005).

Considerando o exercício da memória como peça central para reconstrução de um país, buscou-se encontrar a origem do conflito interno e deste ponto, a reflexão e o diálogo que permita uma narrativa inclusiva para todos os peruanos (UNZUETA; JARA, 2015). Os objetivos do museu são abrigar a história do que aconteceu no período, dando importância às causas da violência, reconhecendo as minorias e a diversidade cultural do país, sendo um espaço de reflexão e participação popular. Os relatos das vítimas e familiares ganham destaque na narrativa de apresentação dos fatos.

O museu tem como partido a reconstrução de parte da cadeia de montanhas, descaracterizada nos anos de 1970 para construção de uma alça de ligação entre a via expressa junto ao mar e a cidade. Uma rede de caminhos leva os pedestres vindos da cidade que está localizada na parte alta, para o mar na parte baixa, em um percurso de duzentos metros e desnível de vinte metros. O volume principal da edificação volta suas aberturas para a parte próxima às montanhas, a luz do sol é refletida de forma difusa para dentro do museu através das encostas. Para o outro lado, voltado para uma praça, os raios diretos do sol e os ruídos da via expressa, o museu filtra a luz que entra por pequenas aberturas (BARCLAY; CROUSSE, 2010). Na cobertura existem dutos de concreto que perfuram a laje e como lanternas, levam luz ao interior. Quem está na parte de cima pode usar esses dutos, como se fossem lunetas para observar a exposição no andar de baixo. A paisagem e o território estão muito presentes na arquitetura do museu.

O acesso do museu para quem vem da cidade, que fica na parte alta do terreno, só é possível a pé (Figura 2 - foto 1). No piso da entrada lê-se "*Aquí no se encuentra ninguno de los 13.721 desaparecidos registrados durante la guerra interna em Perú 1980-2000*", trata-se de um museu que busca mostrar os fatos a partir da memória imaterial. Encontramos uma bifurcação no caminho, no que parece ser o secundário existe uma rampa suave onde é possível avistar o mar e a costa verde (foto 2). Deste ponto existe um elevador onde é possível descer e acessar a entrada do museu. O caminho principal leva a uma escadaria que conforme vamos descendo, a cidade vai ficando para trás e entramos em um vale entre o museu e a encosta (foto 3). Chega-se a um patamar e dele é possível ver o mar ao fundo. As mesmas pedras que formam a encosta também fazem parte da fachada e do piso do museu (foto 4). Um caminho sombreado entre o museu e a montanha, e todas as aberturas do edifício se voltam para a encosta. Do outro lado existe uma praça, que pode ser acessada por quem vem de carro ou chega pela parte baixa da cidade junto ao mar (foto 5). Para este lado o museu está todo fechado, protegendo o interior dos ruídos da avenida e dos raios solares diretos. O percurso nas áreas expositivas ocorre através de rampas de forma ascendente terminando em um mirante com vista para o mar. De lá, o caminho continua através de rampas para a cidade ou através de um elevador que na parte baixa nos leva ao mar (BARCLAY; CROUSSE, 2010).

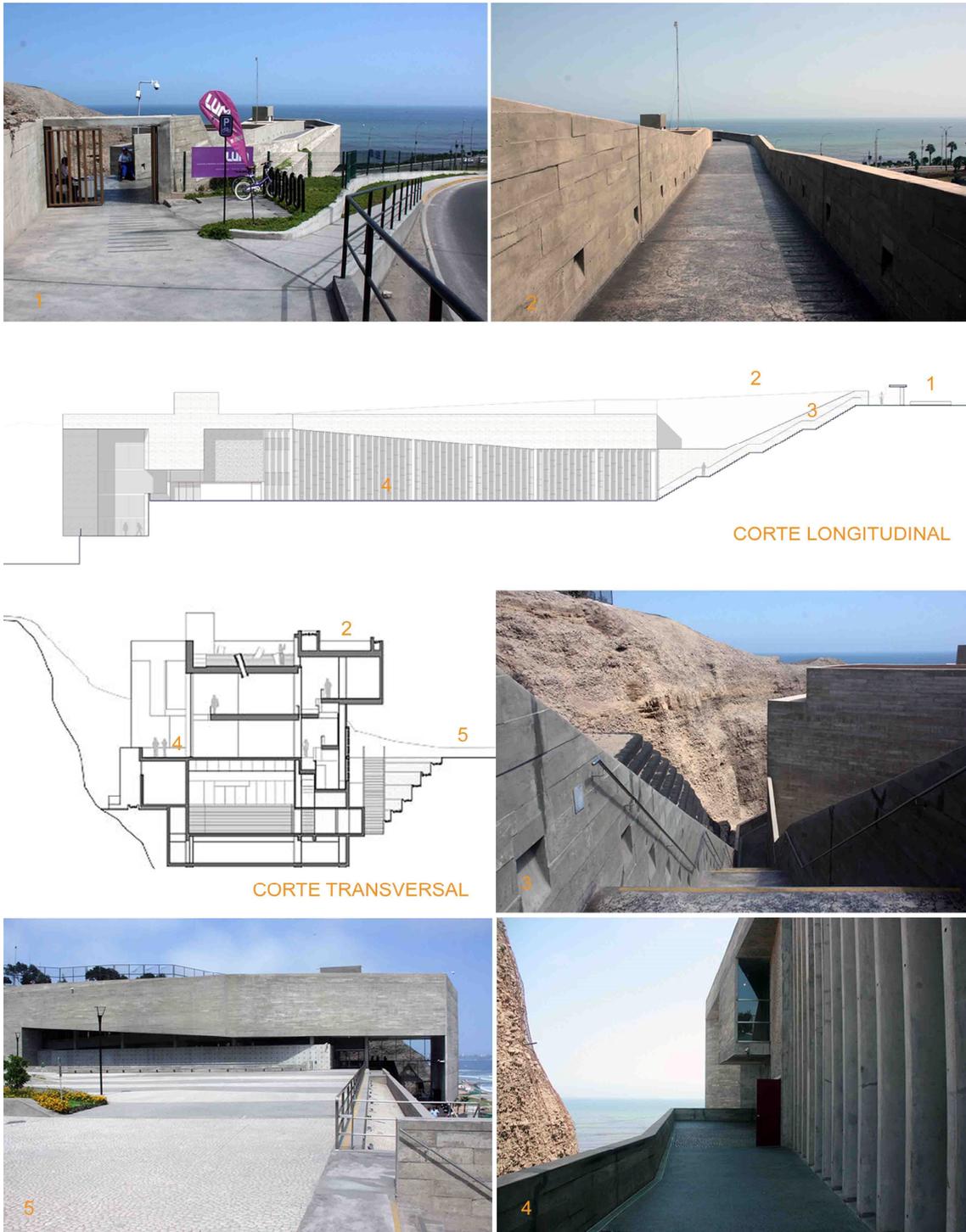


Figura 3: Percursos pelo Lugar de la Memória, La Tolerância y la Inclusión Social.
Fonte: Fotos acervo pessoal do autor do texto. Cortes acervo Barclay&Crousse.

CENTRO DE MEMÓRIA, PAZ Y RECONCILIACIÓN

O *Centro de Memória, Paz y Reconciliación* localizado em Bogotá na Colômbia, projeto do arquiteto colombiano Juan Pablo Ortiz, inaugurado em 2012, está localizado no *Parque de la Reconciliación*, dentro do Cemitério Central de Bogotá. O espaço foi proposto para a comemoração dos 200 anos de independência do país, planejado para a reflexão sobre as causas da violência dos conflitos armados da Colômbia, reconhecimento das vítimas desses conflitos e promoção da cultura da paz (MORA, 2013).

O terreno escolhido está localizado em uma área histórica da cidade, dentro do Cemitério Central e ao lado de parque metropolitano *El Renacimiento*. Para sua construção, foram feitas escavações e assim descobertos e exumados cerca de 3000 corpos de pessoas enterradas como anônimas. Como estratégia de projeto, o edifício foi orientado de forma ortogonal, de acordo com os pontos cardeais. O programa de necessidades do edifício foi organizado para que as salas de exposição, biblioteca, auditório e serviços, fossem localizados no subsolo e apenas um volume pudesse ser visto na paisagem para abrigar o *Memorial de la Vida*, espaço simbólico criado a partir da demanda popular, não proposto no edital do concurso (ORTIZ, 2012).

Levando em consideração que a disputa pela terra se apresenta como um dos pontos de origem dos conflitos no país, foram propostas duas principais ações durante o processo de construção do Centro de Memória. Uma relacionada às questões sociais de reconciliação de diversos grupos de vítimas, e outra relacionada à memória dos fatos de violência e dor ocorridos. Para a reconciliação, foram organizadas cerimônias durante a construção do edifício, convocando diferentes grupos de vítimas a trazerem porções das terras em conflito. Cerca de 2000 porções de terra foram disponibilizadas e armazenadas em tubos de vidro, que seriam incorporadas à construção do museu. A ação de memória foi a construção de um espaço construído em terra, que pudesse abrigar as diferentes porções de terra em disputa coletadas (ACDVPR, 2015).

Foi proposto um volume principal para abrigar o *Memorial de la Vida*, este, assim como o solo escavado para exumação dos corpos, seria constituído em estratos, camadas que pudessem representar os 200 anos de história da independência da Colômbia, de 1810 a 2010. Foi utilizada uma técnica inspirada nas construções coloniais em taipa, a partir da compressão de terra entre fôrmas de madeira. Esta técnica foi modernizada, e a partir de ensaios foi possível uma mistura de 90% de terra inorgânica e 10% de cimento, que apresenta grande resistência à ação dos ventos, chuvas e abalos sísmicos (ORTIZ, 2012).

O hall principal que concentra e distribui a circulação no edifício, ganha um papel de destaque no conjunto, seja pelas suas questões simbólicas ou pelas suas dimensões. As espessuras das paredes, por serem basicamente em terra, tem dimensão de 1,5 metro. Em altura, cada 60 centímetros representa dez anos de história, totalizando vinte camadas, portanto 12 metros de história. Cem aberturas, estão distribuídas na fachada como um diagrama de mortes violentas, em relação aos meses e anos. Tubos de vidro com as porções de terra coletadas, foram depositados nos orifícios deixados pela retirada das fôrmas da construção.

Entrando no *Parque de la Reconciliación*, é possível ver um grande volume construído de terra. Um caminho de madeira nos leva ao volume principal e para isso passamos entre espelhos d'água (Figura 4 - foto1). Uma escadaria nos direciona ao subsolo (foto2), e o que impressiona é a largura das paredes e a altura do espaço, com uma série de aberturas regulares distribuídas nas paredes que deixam entrar a luz do dia fazendo um efeito de luz e sombra no espaço (foto3). Dois volumes simétricos com um pátio entre eles, partem do salão principal abrigando o

programa do museu (foto4). A ideia da reflexão nas fachadas de vidro, caminhos e tetos rodeados por espelhos d'água (foto5), se reflete no programa do museu com seus espaços para discussão, resolução de conflitos, encontros, aulas e oficinas (FRANCK,2016).

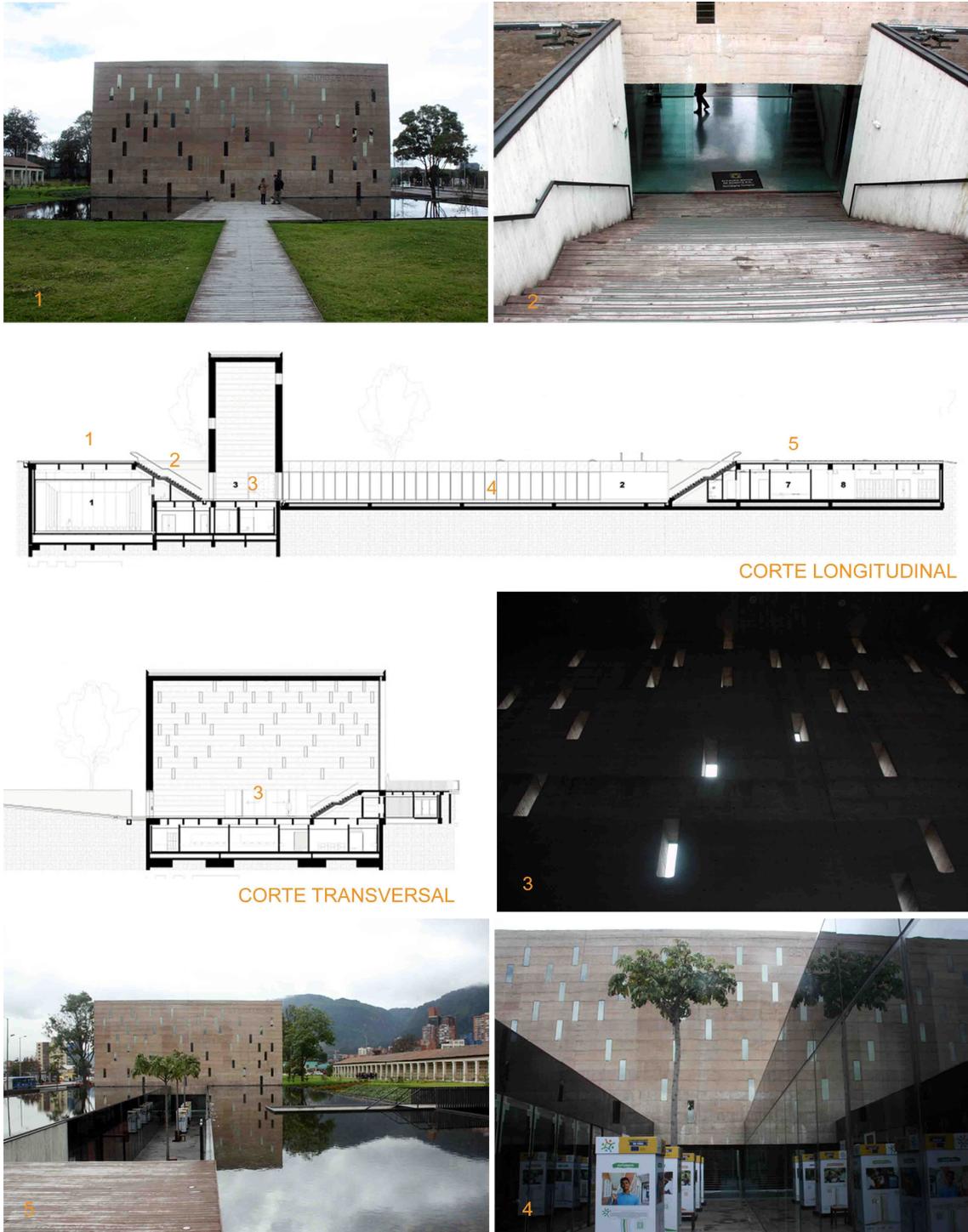


Figura 4: Percurso pelo Centro de Memória, Paz y Reconciliación.
Fonte: Fotos acervo pessoal do autor do texto. Cortes<juanpabloortiz.co>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de museus de memória e reconciliação representa um momento de valorização dos direitos humanos, cidades mais justas e representativas. Em oposição aos museus do século XIX que encontram na tipologia dos palácios o espaço adequado para a exposição do acúmulo de objetos materiais a critério de curadores, os museus de memória buscam no espaço público a interação com a sociedade, baseados nos relatos das vítimas dos diversos conflitos e a interação do corpo no espaço, representam um momento de valorização dos direitos humanos, tornando as cidades mais justas e representativas. O recorte latino-americano adota a valorização da educação como estratégia, fruto da organização do estado, participação da população e entidades representantes das vítimas. Dentre as estratégias adotadas na sua concepção, estão a criação de percursos de acesso em uma cota de nível mais baixa que a da cidade. Os elementos encontrados neste percurso são: estreitamentos, aberturas, sombreamentos, claridade, silêncio, ruídos, reflexos, opacidade, nomes das vítimas, obras de arte, jardins e espelhos d'água. Dentro dos edifícios, a conexão com a cidade é reestabelecida a partir de novos pontos de vista, mirantes, aberturas e fachadas transparentes. Em alguns momentos o que é retratado no museu e as vistas da cidade chegam a se sobrepor e se misturar. Existe a valorização da identidade na escolha de materiais representativos, na leitura do território, na valorização da história, e conexões com a cidade. O uso das transparências e o filtro da luz natural que entra nos edifícios são estratégias para que os museus sejam a continuação da vida urbana e representem a sociedade de forma ampla. São espaços de interação para a formação de uma memória ativa sobre os momentos de dor e violação dos direitos humanos, espaços que trazem informação e reflexão aos usuários.

REFERÊNCIAS

ACDVPR. **Alta Consejería para los Derechos de las Víctimas, la Paz y la Reconciliación**. Pedagogías de la memoria, cultura y comunicación del Centro de Memoria, Paz y Reconciliación. Bogotá, 2015.

BARCLAY, S; CROUSSE, J. P. **El Lugar de la Memoria**. Memorial do projeto. Peru, 2010.

Coalizão Internacional de Lugares de Consciência (International Coalition of Sites of Conscience). Disponível em: <<https://www.sitesofconscience.org>>. Acesso: janeiro/2020.

FAISTEIN, S. **The Just City**. Ithaca: Cornell University Press. 2011.

FIGUEROA, M; FEHR, L; DIAS, C. **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**. Memorial do concurso, 2007. Disponível em: <museodelamemoria.cl>. Acesso: janeiro/2020.

FOUCAULT, Michel. 1986. **Of Other Space**. The Johns Hopkins University Press. P.22-27.

FRANCK, A. Kaeren. **Museos de la memoria: misiones extraordinárias, retos desafiantes**. In: Centro Nacional de Memoria Histórica. Concurso Público Internacional de Anteproyecto Arquitectónico para el Diseño del Museo Nacional de la Memoria, CNMH, Bogotá, 2016.

HOOPER-GREENHILL. **Museums and the Shaping of Knowledge**. Routledge: London, 1992.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto. Museu de Arte do Rio. 2014.

JAJAMOVICH, G. **Grandes proyectos urbanos alternativos o alternativas a los grandes proyectos urbanos**: um revisão a partir del concepto de just city. Cuadernos de Geografía, 28(2). 2019.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a História do Museu**. In: Caderno de diretrizes museológicas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

KIEFER, Flavio. **Arquitetura de Museus**. Revista Arquitexto, Porto Alegre, 12-25, 2001.

LAZARRA, M. **Dos propuestas de conmemoracion publica**: Londres 38 y el Museo de la Memoria y los Derechos Humanos. In: A Contracorriente: uma revista de estudios latino-americanos. V.8, N.3. University of California, Davis, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora UNICAMP,1990.

MONTANER, Josep Maria. **Museos para el siglo XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

MORA, Y. **Lugares de memoria**: entre la tensión, la participación y la reflexión. Panorama, 2013.

NORA, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA**. A problemática dos lugares. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo,1981.

ORTIZ, Juan Pablo. **Memorial do projeto**. Disponível em: <juanpabloortiz.co>. Acesso: fevereiro/2020

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso,2005.

RESLAC. **Red de Sítios de Memoria Latinoamericanos y Caribeños**. Disponível em: <sitiosdememoria.org>. Acesso: janeiro/2020.

SOARES, I.V.P; QUINALHA, R.H. **Lugares de Memória no Cenário Brasileiro da Justiça de Transição**. Revista Internacional de Direito e Cidadania, n.10, junho, 2011.

UNZUETA, S. P; JARA, B. **Lugar de la Memoria Tolerancia y la Inclusión Social**. Lima-Peru, 2015.

VV.AA. **Cuatro concursos de arquitectura pública**. Dirección de Arquitectura del Ministerio de Obras Públicas, Gobierno de Chile, 2008.